

CISMAS DE TEMPO

(Rafael Miranda Machado/André Teixeira)

Desde o dia – rico dia –
em que este mundo bendito
fez-se mundo *redondito*
e pôs-se a girar nascia
quem cantando poderia
falar por seus semelhantes;
Eram os bruxos cantantes
carregando na garganta
pedaços da terra santa
onde viveram seus d'antes.

Abridores de picadas,
sinuelos macanudos
que nos ofertaram tudo
quando não tínhamos nada.
Daí essa apaixonada
visão sobre os nossos feitos.
Por ela todo sujeito
gaúcho a cada mate
sente arranhões de combate
sangrando dentro do peito.

Eram as cismas de um tempo
analfabeto – sem nome –
falando através dos homens
e seus genuínos inventos;
Melodiosos instrumentos
de luz, de fé...Redenção!
Afinal louvar o chão,
afinal louvar os seus
é compor junto de Deus
a mais terrunha oração!

Suas vozes campo a fora
pelo destemor e garra
por vezes lembram cigarras
por vezes tirim de espora
nenhuma onda sonora
consegue ser tão baguala.
A mãe terra assinala
seus filhos pra que seus cantos
possuam o mesmo encanto
que ela tem quando fala.

Nada no mundo suplanta
determinadas verdades:
- Não há lugar pra vaidade
no coração de quem canta!
Todo aquele que levanta
sua querência na goela
levanta junto com ela
sua história secular
e acaba sem notar
tornando-se parte dela.

Segue o passo dos segundos
passando, sempre passando...
E o mundo segue girando
por ser redondo e ser mundo.

BEM DE GALPÃO

(Gujo Teixeira/Luiz Marenco)

Num dia desses, criador, que tem ainda
É “cosa” linda, “fazê” um mate e o olhar o mundo
Depois deixar cuia e cambona num costado
E enforquilhado, “recorrê” os campo do fundo.

Pois quem conhece bem a tropa dá um vistaço
E só arma o laço quando pede as precisão
E aguenta firme, tudo isso que lhes digo
Costume antigo de quem é bem de galpão.

Por isso digo, meus senhores, de a cavalo
Que botem um pealo no descaso que há no pago
Senão depois, não vai ser fácil, sem costeio
“Juntá em rodeio”, quem se foi fazendo estrago.

Eu por aqui, de plano feito, dou combate
Depois dos mate, sobra tempo pra encilhar
Os meus cavalos, sou eu mesmo que ajeito
Pois sei direito, em quem que posso confiar.

Aqui na estância tinha um baio caborteiro
Que de primeiro nem deixava “apertá” a cincha
E a grito e espora, prosa boa e uns mangaço
Tá que é um pingaço, que de longe me relincha.

Por isso digo, meus senhores, da querência
Botem tenência, na pergunta que nos ronda
Senão um dia o nosso pago vai por diante
E quem garante, que ainda fique quem responda.

QUANDO O DIA VEM CLAREANDO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Quando o dia vem clareando,
Nos clarins da algazarra,
Dum galo que diz cantando,
Que o sol espia nas barras,
De espora atada, já ando,
Prontito pra apertá as garras.

Me agrada a imagem da forma,
Que emoldura a cavalhada,
Atenta ao ritual das normas,
Quando aos gritos da peonada,
Um quadro vivo, se torna,
Junto a hora da pegada.

O capataz, comandante,
Que ordena com voz buenacha,
Por campeiro, sempre adiante,
Da lida que desempacha,
Sabe da força constante,
Dum esquadrão de bombacha.

A cachorrada faz festa,
Na saída do galpão,
Qual um costado que empresta,
O sentido da obrigação,
De aba batida na testa,
E gracias com o chapéu na mão.

Nos arreios dum mensual,
Pra todo o mal, tem a cura,
Atento a qualquer sinal,
Anjo-guardião das planuras,
Um curandeiro bagual,
Com o laço e benzeduras.

Nos arreios dum mensual,
O que é preciso, se encontra,
Pra cura de qualquer mal,
Que o campo vasto confronta,
Além da reza habitual,
Que o mais vaqueano tem pronta

É assim que a lida se faz,
E o tempo segue firmando,
Pra que não fique pra trás,
Quem já anda camperiando,
Com as ordens do capataz,
Quando o dia vem clareando.

ASSUNTO DO MEU RINCÃO

(Francisco Brasil/André Teixeira)

O Amaro estava avisado
que o Léco, por estes dias,
ia devolver o seu mouro:
do embarcador do Seu Louro,
é no mais um espantão
pr'ele ir rumo ao cancelão
da estância Sete de Ouro...

Costume eterno do pago
este de emprestar cavalo
s'está a pé um companheiro...
Costado tão corriqueiro
que alguém faz sem pedir nada,
num vai e vem de quarteadas
entre favores campeiros.

E a gauchada, mateando,
segue charlando este assunto,
porque o seu mundo é o rincão:

*-Foi agora este verão
que eu vi o Léco uma volta...
Lá pela estância da Bota,
junto co'o Jóca Tirão.*

*Amadrinhando num mouro,
um orelha de tesoura,
meio torto de uma mão...*

*-Um marca de Coração?
Eu conheço este cavalo...
Este é o mouro do Amaro,
um que é rédea do Ramão.*

No que pisa o corredor
e o Léco faz um bichinho,
'garra' pra estância certito:
num trotão... num trotezito...
'despois' ao passo e costeando...
feito alguém que está chegando
de uma viagem, solito.

Relincha e ronda a cancela...
E alguém agarra um buçal
de algum gancho do galpão...

E no mais... fica, pois não,
outro causo pra essas horas
de jogar conversa fora
com assuntos do meu rincão.

ELEGIA AO VERSO AUSENTE

(Francisco Luzardo/André Teixeira)

Onde estás, amigo verso?!
Que há tempos fizeste estio!
Tu, que sempre foi torrente
Hoje, mal sai da nascente,
Morre antes de ser rio!

Que pobre a seiva nativa
Da mi'a pastagem interior!
Tão profunda esta aguada
Ficou mais curta a mirada
Dos olhos do corredor.

Meu campo pede socorro
Diante da fonte sedenta,
Só nuvens brancas, levianas,
Pairando sobre as savanas
Das mi'as paisagens cinzentas.

Por isso que volta e meia
Me encontro de olhar vazio
Assim, com jeito de ilha,
Campeando a alma andarilha
Do meu verso que sumiu.

Aporreadas redondilhas
Não me carregam em seu lombo,
Quando uma idéia se alça,
A rima pobre não passa
Da bizzarria de um tombo.

Alma adentro, dia a dia,
Meio alpedado, meio ao léo...
Vou ruminando quimeras,
Caseriando uma tapera
No deserto do papel.

Aonde a velha caneta
Sempre foi um saraquá!
Hoje é traste sem valia
Inanimada, vazia,
Sem ter versos pra plantar.

*A inspiração e a poesia
São dois caudais solitários
Que se encontram, solidários,
Pra encherem rios por aí...
Porque versos e poetas
São almas que se completam
Feito a flor e o colibri.*

Onde estás, amigo verso?!
Que há tempos fizeste estio!
Tu, que sempre foi torrente
Hoje, mal sai da nascente,
Morre antes de ser rio!

UM PONCHO DESABA A TARDE

(Gujo Teixeira/André Teixeira/Juliano Moreno)

Um poncho desaba a tarde nos ombros desta fronteira
Num tranco de abrir porteira, batendo o aço da espora
Cacho atado de um zaino, crioulo marca de estrela
Seguindo a alma sinueta, nos rumos de ir s'embora.

Um baio claro de tiro, dois cuscos "bajo el estrivo"
Talvez não saibam o motivo na escolta da comitiva
Que sem querer leva a tropa da vida de tanta gente
Que vai cansada e nem sente, porque ainda segue viva...

Vai estendida uma tropa de ilusões e quimeras
E a certeza que era o sustento dessa fronteira
Que foi por diante no tranco deixando marcas na estrada
Pra quem não ficou com nada quando fechou-se a porteira.

Depois da estância arrendada por gente de outro pago
Se perdeu o olhar por vago, procurando uma vertente
E o tempo ficou distante pra querer voltar ao passo
Maior foi ficando o espaço, separando terra e gente.

Chapéu de aba batida, feitio das chuvas de agosto
Tapando o jeito do rosto que mira longe e bem perto
Certezas de quem um dia teve querência e caminho
E agora segue sozinho, sem achar que esteja certo.

Um poncho desaba a tarde num prenuncio de aguaceiro
Toldado sobre um tropeiro que dentro dele se esconde
E leva por diante sonhos que guardou na própria vida
Feito uma tropa estendida, pro rumo do não sei donde...

MILONGÃO À DON LUCIDIO

(Xirú Antunes/Jari Terres)

Entre os alambrados da estância se alarga um “camino viejo”,
Que gambeteando encontra os campos lá do fundo,
Cruza picadas de mato, zombeteando camoatins,
Num veranico de maio bem aqui ao sul do mundo.

Vai “tiflando” ao tranco Don Lucidio mui gaúcho,
Leva nos tentos a raça dos avós, sobre o cavalo,
Conhece a palmo os campos de trevos daquela estância,
Banhados, grotas, vertentes, peráus e capões de mato.

A cachorrada barbuda vai na escolta do tordilho,
Que é uma tronquera de pingo, tranco largo e parelho,
Trocando orelha pra o vento que deita o macegal,
Lembra a estampa de um bagual de crina redemoneando.

Bem mais adiante sujeita pra junto do umbu antigo,
Corre as varas da porteira da invernada lá do fundo,
Enrola um “pucho” com calma pra “enterte” a solidão,
Se emoldurando num quadro, postal de gaúcho e pingo.

Rodeio grande parado no alto do coxilhão,
Gado de cria cruzado, e a cavalhada tordilha,
O opa-opa se ouve, da conta e da reconta,
Deu certo talha e sobre-talha, é sempre boa notícia.

“Volve despacio” pras “casa”, alma crioula sob a boina,
atalha a frente costeando a ramada de um taperão,
que mui lhe “gusta” esta hora, mete o pé nas “alpargata”,
jujando a erva de um mate frente a porta do galpão.

Compreende agora o porquê de sua alma “rumbeadora”,
É a mesma alma do céu que “emponcha” o verde dos pastos,
Que as recorridas de campo garantiram em suas marchas,
Querência grande sulina do coração do meu pago.

A SEDE DOS OLHOS

(Rafael Ferreira/André Teixeira)

Não é sempre, mas convém,
Sair sem rumo no mundo
Regar a terra, mirada,
Com água de campo fundo

Os olhos tem suas vontades
De querer bombear distâncias
Ficam presos de saudades
Das vivências lá da Estância

Quando posso lá me vou
Dando buenas pra peonada
Bebo um mate no galpão
Com saludos da cuscada

Saio cedo ao despacito
Num zaino da templa pura
Meus olhos vão estribados
Cuidando perto e lonjura

Os olhos guardam lembranças
De vivência e de lugar
E por mais que eu vá embora
Sempre volto, ao recordar

Sair e estar de a cavalo
No chão que me deu batismo
Umedecendo a mirada
Com crioulo telurismo

O campo é minha vertente
Meu bebedouro de calma
Que além da sede dos olhos
Me mata a sede da alma.

FLOR E GUITARRA

(Fábio Maciel/André Teixeira)

Maria Flor, moça linda, que tinha mimos guardados
E os homens lá do povoeiro queriam ter Maria Flor no seu costado.

Teve tantas serenatas em frente a sua janela
Que acostumou-se as cantigas que ali cantavam pra ela.

Escutava a cada dia - sem pôr os olhos pra fora -
Os versos doces de amor que rimavam mais de hora.

Depois ouvindo o silêncio, lembrando das melodias
Levava a mão junto ao peito e, sorrindo, adormecia.

Que ali sonhava, se soube - assim andaram dizendo...
Mas o que os sonhos guardavam nunca alguém ficou sabendo.

Outro dia ouviu um canto - mais outro feito pra ela -
E diferente de sempre chegou abrindo a janela...

Firmou os olhos no moço, depois um nó no vestido,
E se foi de alma entregue com o coração já rendido.

E cruzou sobre a soleira em busca daquele abraço...
- Eu quero ser tua guitarra, varar a noite em teus braços!

Sorrindo o moço a levou, e jurando amor seguiu...
Que anoiteceram os dois num rancho costeando o rio...

Não esperava por certo, fosse entregar seu amor,
Pra ser ferida com espinho e, então, perder sua flor.

Naquela noite estrelada e de lua cheia também...
Eles dormiram abraçados e ela acordou sem ninguém.

Desde então foi que Maria perdeu-se por esse mundo...
E todos sabem quem é, mas ninguém conhece a fundo.

Poucos vêm a solidão que reflete em seu olhar,
E até a falsa esperança de um dia voltar a amar.

Sabem que espera à janela, por algum serenateiro,
Com uma nova cantiga pra entregar-se por inteiro...

Quem tanto quis ser guitarra feito uma vive agora
Passando de mão em mão - quem sabe, o destino, adora! -

Quem chega em sua janela na cruel verdade esbarra
- Maria, a Flor, foi-se embora, ficou Maria Guitarra!

ASSIM CANTA UM CANTOR DE CAMPO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Assim, por cantor de campo,
Bordoneando esta guitarra,
Abro peito igual cigarra
E nesta milonga me acampo.
Assim, por cantor de campo,
Que só tem a pretensão
De cantar o seu rincão,
O seu povo e sua existência,
Me entropilho com a essência
Que tenho por tradição.

Assim canta este cantor,
Que aprendeu a ser liberto
Cantando o campo aberto
E as noites de lua em flor.
Pois quem canta por amor,
É livre, não se aprisiona,
E somente se apaixona
Por coisas da sua estima,
Se entre o pulsar da prima
Vibram a quarta e a bordona.

Sou cantor que sem falquejo
Aprendeu nos corredores,
A cantar os seus amores,
E o sabor de cada beijo.
Cantando, me fiz andejo,
Cruzando dum pago a outro.
Do vento, escutando o sopro...
Da sanga, o murmúrio manso...
Só pra rimar com o balanço
Do corcovo de algum potro.

Das tardes quentes, branindo,
Canto o frescor das aguadas.
Das manhãs brancas de geadas,
Canto o sol, manso, surgindo;
E das madrugadas, sorrindo,
Com o garganteio dum galo,
Canto a cadência do embalo
Que traz arrastos de esporas,
Quando ecoam na aurora
Gritos de forma cavalo.

Este cantar não tem dono,
Mas carrega as vibrações,
Dos que vivem nos fundões
E são herdeiros do trono,
Que o gaúcho com entono
Guarda de garrão trancado,
Sempre de pingo encilhado
E laço atado nos tentos,
Sustentando o fundamento
De andar de chapéu tapeado.

Assim, por cantor de campo,
Cantarei a minha sina
E algum fiapo de crina
Que a vida prende num grampo.
Assim, por cantor de campo,
Com esta guitarra, sem luxo,
Pronto pra qualquer repuxo,
Atento ao grito de pega,
Eu tranco o pé na macega
E honro o canto gaúcho.

SEBASTIANA

(Gujo Teixeira/André Teixeira)

Sebastiana era bonita
Sorria sempre pra mim.
Pintava os olhos com a noite
E os lábios de carmim...
Era filha do Seu Nico
Irmã do Getulio Loco.
Ela tinha sempre mais
Do que as outras, tinham pouco.

Um dia, num baile bueno
Lhe convidei pra uma dança
E ela, foi a sala toda
Me atirando sua trança.
Cabelo negro, comprido
Perfume de flor de "abeia"
E outra presa com grampo
Feito a lua, quase cheia.

Pensei em casar com ela
Mas faltou fala e coragem
E foi se passando a vida
-Que o tempo cruza de viagem !
Eu nunca disse pra ela
Das minha "boa intenção"
Do bem-quer que morava
No peito deste peão !

Sebastiana sempre soube
Talvez, ficasse esperando.
Me aguardava nos bailes
Com a Dona Zé, tricotando.
Fez um casaco de lã
E de presente me deu.
Lhe comprei panos de chita
Que dois vestidos rendeu.

E quantos bailes passaram ?
Quanta coisa não se fez...
Que pena, a vida não volta
Nem toca o baile outra vez.
Soube dela por parentes
Que ficou a me esperar...
Não vi que o tempo matreiro
Lhe tirou para dançar...

Quarenta anos, depois...
Hoje avistei Sebastiana
E percebi que o destino
Não se perde, nem se engana.
Tão solita quanto eu...
Num ranchinho do povoado.
Resignada com o tempo
Que nos deixou no passado.

TOADA PARA OUTRO TEMPO

(Fábio Maciel/André Teixeira)

I

- Tem pra mais de vinte ano
Que sô peão daquela gente.
Meu patrão é home direito
De alçada bem diferente.
É gente simples, da antiga,
Respeita e é respeitado...
Sabe lidar co'as pessoa
Nem parece endinheirado.

Enxerga o peão, ressollando,
De tardezita – mateando –
E, sem floreio, se achega
E “lejos” se vai proseando.
E nas veiz que um taura erra
Com jeito, ele mostra o certo.
É muy fácil ser campeiro
Co'este vaqueano por perto.

Dá gosto andá nas tropilha
Que ele ajeitô pra peonada...
Más que linda e bem pareia,
É campêra a cavalhada.
Não le agrada as correria
Diz que é só pra fazê enleio...
É coisa que a gente entende
Quando apartemo em rodeio.

Nos domingo salta cedo
E sai campeando a peonada,
Sabê quem vai pras carrera
Pra le vê corrê a gateada.
Paga umas canha com gosto
Sempre que apiamo na vila...
Mas quem se enxaguá na estância
Não volta nem pr'uma esquila.

II

Em outro tempo esta prosa
Foi costume de um rincão...
Hoje é um naco do passado
Mudou peão, mudou patrão.

Sei que ainda existe no pago
Gente de campo – campeira.
Mas quase sempre a verdade
É escrita de outra maneira.

Onde, o patrão é um povoeiro
Que mal apeia na estância.
Sustenta, no mais, por luxo;
Tem porque veio de herança.

E o peão? ...guri de arrabalde...
Não sabe o que é ser campeiro,
Nem gosta de andar pra fora;
Vai por vir fácil o dinheiro.

Dos dois emana o descaso
Com quem vive do outro lado.
Garanto, não há um correto
Os dois caminham errado.

E vão mingando os campeiros
Sejam peões, sejam os donos...
O campo é quem paga o preço
Tocado pelo abandono.

ROMANCE DA COSTUREIRA

(Otávio Severo/André Teixeira)

Largas tardes preguiçosas descansavam na soleira
Fazendo sombras dançarem com abraços de paineiras
As mãos ágeis cuidadosas na costura e no feitio
Pelo entrelaçar das linhas inspiravam assobios
De alegres aves compondo musicais pra costureira

Senhora da casa velha do tempo farto da estância
Abrigou tantos invernos de muita gente na infância
Foi passatempo caseiro entre as horas de acalanto
Nos acolchoados de catre, bicharás de velo branco...
E no pano das bombachas pelegueadas de distância

Viu que o tempo emala ponchos no chamar do corredor
Despediu-se do paysano que lhe entregou uma flor
Nas promessas da porteira, retorno breve, encomendas...
- Aquela fazenda boa que se encontra lá na venda!
E uma saudade apertada quando se deixa um amor

Cuidou luas da janela que pinta seu quadro ao fundo
Preparando uma surpresa, chegou há contar segundos...
E nas tardes da soleira quando o sol cai sobre as casas
O vento balança a sombra, canta um pouco e cria asas...
Mandando recados dela – onde ele esteja no mundo...

Nas miradas da porteira com pôr-de-sóis coloreando
Onde debruçou anseios pelo regresso esperando
Com uma bombacha nova caprichada do seu gosto
Criou visagens ao longe, sorrisos largos no rosto...
E aquela velha saudade de quem não está chegando

Os dias passam ao tranco, luas que custam mudar...
Mas o coração conhece a hora certa de voltar
Ter aquele forte abraço na chegada da porteira
Pois ficaram olhos rasos – romance da costureira -
E uma bombacha vazia pendurada sem andar.

RENASÇO PRA LIDA

(Mário de Lima Lucas/André Teixeira/Diego Camargo)

Serei a trança do laço que enfeita a anca do pingo,
a rastra meio curtume das volteadas de domingo.
Estarei no encontro do mouro no feitio de uma peiteira.
Num reiador macanudo nos estalos da soiteira.

Serei o aperto da cincha, no latego e travessão,
um tirador fachudaço pra escorar os 'tirão'.
Na firmeza de um buçal que ajuda o domador
virei desde a cabeçada, da cedeira ao fiador.

Virei na forma de um basto
moldando o lombo do mouro,
a cada armada serrada
que prenuncia o estouro.
Em cada naco de couro
cumprindo o ciclo da vida
assim me vou deste mundo
pra renascer para a lida.

Serei o tento da espora, estrela perdida do céu.
A forma de um barbicacho que sustenta algum chapéu.
Virei no estilo campeiro do aperto de um bocal,
numa maneira de trava que dobra qualquer bagual.

Serei os pares de rédeas que faz do potro, cavalo.
O velho ritual sulino que Deus me deu por regalo.
Na rudeza de um sovéu, ali estarei torcido
três tiras formando um só pra não se dar por vencido.

DO RINCÃO A UMA TAPERÁ

(Fernando Soares/Christian Davesac/André Teixeira)

Rincão que guarda segredos na alma extinta das casas
Na lenta morte das brasas dentre o rodar da carreta.
E a lembrança que reponta, pra sonolência da estrada
Num rangido que cantava, com a boiada por silhueta.

Rincão que encontra o silêncio pela quietude do amargo
Ritual terrunho que trago, antes do aperto dos bastos
E a madrugada que sangra um arrebol colorado
Espia a cara do dia, mostrando o choro do pasto.

Rincão que move as distâncias no tempo que vai ao léu
Deixando um negro chapéu dependurado no angico
Se um dia partiu solito talvez na ânsia de andar
De changador de um lugar, a viramundo de ofício.

Rincão que a noite em penumbra resenha sombras em quadros
Ainda escuta um bailado de tudo e quem lá dançou
Cochichos de quem passou e o batizou de assombrado
Porque não ouve o recado nem o que lá se passou

Rincão que agora descansa depois de muito pelear
O tempo, os homens e um par, de corticeiras maduras
Talvez pra safras futuras colherem frutos do bem
E pra saber de onde vem, a flor que a aguada procura.

Rincão que a imagem tombou numa tormenta de outono
E por descaso do dono virou fragrância e tapera
Com um resquício de espera, que alguém o erga de novo
Pra ver a tez do seu povo sorrir de novo após eras.

RESTOS DE TARDE

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Vendo morrer tão lentamente o dia
Cheio de sombras pelo campo a fora,
Sinto no peito essa melancolia
Que a tarde espalha quando vai embora.

O sol, vermelho, é como um pito aceso
Tingindo os cerros com sua cor de imbuia,
Belo espetáculo que me deixa preso,
Mãos algemadas, segurando a cuia.

Linda é a aquarela do horizonte raso
Com o sol caindo! Sinto até vontade
De atá-lo à soga lá no azul do ocaso
Pra prolongar-me este final de tarde!

Tal os poetas, eu já senti às vezes
Brotarem versos ao sabor do instante.
Vendo o passeio vespéral das reses,
Sou como a nuvem lá no céu distante.

Quando me invadem as sombras do arvoredado
Fico a pensar, olhando o fim da estrada,
Que a minha lembrança vai morrer tão cedo,
Que o olvido é a noite, é a escuridão do nada.

Cevando um mate e a beber saudade
Sinto o crepúsculo de uma despedida,
Parece até que eu sou um resto de tarde
Já declinando o sol da minha vida.